



O *ethos* heteroatribuído a Suzane Von Richthofen nas capas das revistas *Época* (2002) e *IstoÉ Gente* (2002)¹

Ana Rafaela Oliveira e Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil

orcid.org/0000-0002-6783-403X

Este trabalho objetiva apresentar, em termos teóricos e práticos, a subcategoria do *ethos* discursivo atribuído, recentemente lançada no campo da Análise do Discurso francesa por Possenti (2020). Para tanto, analisam-se duas capas de revista, *Época* (2002) e *IstoÉ Gente* (2002), ambas versando sobre o caso Von Richthofen, ocorrido em outubro de 2002, a fim de verificar a construção de mulher criminosa de Suzane Von Richthofen, assassina confessa de Manfred e Marisia Von Richthofen. A pesquisa caracteriza-se como descritivo-interpretativista de caráter qualitativo, inserida na área da Linguística Aplicada (LA), na qual tem lugar, entre outras articulações, a produção de imagens do sujeito no e pelo discurso. Alicerçam bibliograficamente a pesquisa: Heine (2012); Maingueneau (2008; 2018); Possenti (2020). A partir dos resultados, conclui-se que o sujeito mulher criminosa Suzane Von Richthofen foi construído por um discurso em 3ª pessoa com vistas a enfatizar seu lado parricida, promovendo espetáculo midiático, evidência, apagamento.

Palavras-chave: Suzane Von Richthofen. *Ethos* atribuído. Mulher criminosa. Discurso.

El *ethos* heteroatribuído a Suzane Von Richthofen en las portadas de las revistas *Época* (2002) e *IstoÉ Gente* (2002)

Este trabajo tiene como objetivo presentar, en términos teóricos y prácticos, la subcategoría del *ethos* discursivo atribuido, recién lanzada en el campo del Análisis del Discurso francés por Possenti (2020). Para eso, se analizan dos portadas de revista, *Época* (2002) e *IstoÉ Gente* (2002), ambas versando sobre el caso Von Richthofen, ocurrido en octubre de 2002, a fin de verificar la construcción de mujer criminosa de Suzane Von Richthofen, asesina confiesa de Manfred y Marisia Von Richthofen. La investigación se caracteriza como descriptivo-interpretativo de carácter cualitativo, añadida en el área de la Lingüística Aplicada (LA), en la cual tiene hueco, entre otras articulaciones, la producción de imágenes del sujeto en y por el discurso. Embazan bibliográficamente la investigación: Heine (2012); Maingueneau (2008; 2018); Possenti (2020). A partir de los resultados, se puede concluir que el sujeto mujer criminosa Suzane Von Richthofen fue construido por un discurso en 3ª persona con vistas a enfatizar su lado parricida, promoviendo espectáculo mediático, evidencia, borrado.

Palabras clave: Suzane Von Richthofen. *Ethos* atribuido. Mujer criminosa. Discurso.

The hetero-attributed *ethos* to Suzane Von Richthofen on the covers of *Época* (2002) and *IstoÉ Gente* (2002) magazines

This work aims to present, both theoretically and practically, the subcategory of attributed discursive *ethos*, recently introduced in the field of French discourse analysis by Possenti (2020). For this purpose, two magazine covers were analyzed, *Época* (2002) and *IstoÉ Gente* (2002), both focusing on the von Richthofen case in October 2002, in order to verify the construction of Suzane von Richthofen as a criminal woman and confessed murderer of Manfred and Marisia von Richthofen. This qualitative research is characterized as descriptive-interpretive, grounded in the field of Applied Linguistics (AL), focusing, among other articulations, on the production of images of the subject in and through discourse. Bibliographically, it is supported by Heine (2012), Maingueneau (2008; 2018), and Possenti (2020). From the results, it is concluded that the subject criminal woman Suzanne von Richthofen was constructed by a third-person discourse in order to emphasize her patricidal side, promoting media spectacle, evidence, and erasure.

Keywords: Suzane Von Richthofen. Attributed *ethos*. Criminal woman. Discourse.

¹ Este trabalho é oriundo da pesquisa de mestrado de Silva (2023), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entre 2021 e 2023.

Introdução

Na noite de 31 de outubro de 2002, o casal Manfred Albert Von Richthofen e Marísia Von Richthofen foi assassinado a golpes de barras de ferro enquanto dormia em sua mansão, situada em um conceituado bairro de São Paulo. Os filhos das vítimas, Suzane e Andreas, na ocasião, não estavam na residência. Segundo as investigações, os criminosos poderiam ser conhecidos das vítimas porque, entre outros indícios, os corpos estavam com os rostos cobertos e não havia sinais de arrombamento na casa.

Dias depois do ocorrido, Suzane Von Richthofen, 19 anos, Daniel Cravinhos de Paula e Silva, 21 anos, namorado de Suzane, e Cristian Cravinhos de Paula e Silva, 26 anos, irmão de Daniel, confessaram o crime, que, intelectualmente, fora planejado pelo então casal, mas, na noite fatal, executado pelos irmãos, com a presença de Suzane na residência, que estava em outro cômodo forjando uma cena de roubo e dando apoio logístico à dupla. Aos serem apresentados formalmente à imprensa como os executores do casal Von Richthofen, os meios de comunicação não apenas exibiram os três assassinos lado a lado, destacando Cristian como a peça fundamental para a polícia fechar o caso e determinar a participação de cada um no crime, como também realçaram as diferenças socioeconômicas entre Daniel e Suzane. Exemplo disso é a reportagem do *Jornal Nacional*, de 08 de novembro de 2002, publicada na biografia não autorizada de Suzane Von Richthofen:

[...] a caminho do presídio, Suzane Von Richthofen, 19 anos, estudante de Direito e fluente em três línguas. Daniel Cravinhos de Paula e Silva, 21 anos, desempregado. Namorados há três anos, eles agora dividem a responsabilidade pelo assassinato brutal dos pais dela. A partir da confissão de Cristian, a polícia passou a ter as respostas que procurava (Campbell, 2020, p. 120).

No caso *Von Richthofen*, como midiaticamente ficou conhecido, entre os três criminosos, Suzane se configura como personagem central nas publicações midiáticas que versam sobre o crime, caracterizando processos de evidência e apagamento dos sujeitos criminosos envolvidos e, conseqüentemente, de (re)construção identitária do sujeito feminino criminoso tão espetacularizado na mídia, em um “espetáculo [que] é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*” (Debord, 2003, p. 14, grifos do autor).

Diante disso, essa *mulher criminosa* se configura como o rosto e o nome de um caso criminoso espetacularizado na mídia e pela mídia. Representa sentimentos que há muito perpassam a humanidade — ódio, paixões desmedidas, relações por

interesse —, os quais contribuem para a eliminação física do outro, a fim possibilitar o desfrutar de uma vida confortável, longe daquele(s) que supostamente representa(m) um obstáculo à liberdade social, financeira e amorosa. Em vista disso, este trabalho discute a construção discursiva de *mulher criminosa* de Suzane Von Richthofen na mídia, a partir da subcategoria do *ethos* discursivo atribuído, introduzida no campo dos estudos linguísticos da Análise do Discurso francesa por Possenti (2020) e recém-expandida em pesquisa de mestrado de Silva (2023).

Nas análises em tela, por força do *ethos* atribuído, o enunciador institucional, as revistas *Época* e *IstoÉ Gente*, toma por base as ações criminosas do co-enunciador, Suzane Von Richthofen, enquanto parricida, para construir a imagem e a personalidade dela na esfera midiática. Nessa perspectiva, Suzane é a jovem rica da alta sociedade que matou para ficar com a herança de suas vítimas, seu pai e sua mãe, a quem deveria respeitar sob todos os âmbitos, a exemplo do religioso e do legal.

Em face do exposto, este trabalho está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentam-se esclarecimentos sobre os procedimentos metodológicos e a escolha das capas de *Época* e *IstoÉ Gente*. Na segunda seção, discute-se a categoria do *ethos* discursivo, proposta por Dominique Maingueneau na Análise do Discurso francesa nos anos de 1980 e que até hoje vem sendo (re)atualizada por esse pesquisador, bem como por outros estudiosos da linguagem que trabalham na linha de pesquisa supracitada. Na terceira seção, discute-se a subcategoria do *ethos* discursivo atribuído, proposto por Possenti (2020) e continuada por Silva (2023). Na quarta e última seção, apresentam-se uma breve biografia de Suzane Von Richthofen e as análises das capas de *Época* (2002), intitulada *Matou os pais e foi para o motel*, e *IstoÉ Gente* (2002), titulada *Por que ela matou os pais?*. Por fim, o artigo apresenta as considerações finais e as referências que possibilitaram sua escrita.

1 Por que as capas de *Época* e *IstoÉ Gente*? Breves esclarecimentos sobre o corpus de análise e procedimentos metodológicos

Época e *IstoÉ Gente* foram publicações nacionais de grande relevância jornalística. Criadas, respectivamente, em 1998 e 1999, quando a internet ainda era inacessível à grande parte da população brasileira, se converteram em importantes fontes de divulgação de informação e formação de opinião de seus leitores e da sociedade como um todo. Enquanto a *Época* tinha uma abordagem mais ampla de conteúdo, que enfocava, entre outros, política, segurança e economia do Brasil e do mundo, a *IstoÉ Gente* dedicava-se a publicar notícias do meio artístico. Sílvia Santos,

Gisele Bündchen, Angélica e Luciano Huck são alguns dos famosos que estamparam capas dessa publicação. Em 2002, ambas as revistas estavam no auge quando ocorreu o caso Von Richthofen, um dos assuntos mais divulgados na mídia naquele ano, que não só tornou Suzane Von Richthofen uma pessoa conhecida do grande público, como foi motivo de ela estampar as capas desses magazines.

Em face disso, as capas das revistas *Época* e *IstoÉ Gente* foram selecionadas como *corpus* de estudos para responder aos seguintes questionamentos: (i) como o *ethos* de *mulher criminosa* é produzido no âmbito da grande mídia² enquanto uma instância privilegiada de produção e circulação de discursos? (ii) que estratégias discursivas são mobilizadas para a construção identitária do sujeito *mulher criminosa* em quatro casos de grande repercussão midiática³?. Como resposta a tais indagações, as capas, por meio da análise de sua estrutura verbo-visual, ajudaram Silva (2023) a perceber as características da subcategoria do *ethos* atribuído, formulando um conceito para ela; a identificar um enunciador externo à cena enunciativa; e a depreender como ocorreram os processos de evidência midiática de Suzane Von Richthofen e de apagamento de Daniel e Cristian Cravinhos.

A pesquisa desenvolvida por Silva (2023) está inserida na área de Linguística Aplicada, na qual tem lugar central o sujeito, sobretudo aqueles que vivem em condição de marginalidade social, legal, política e cultural, assim como a linguagem enquanto prática social e, entre outras articulações, sua relação com a formação identitária do sujeito e a produção de imagens discursivas no e pelo discurso. Imagens essas circulantes nas mais distintas esferas sociais e em diferentes meios, como a grande mídia, seja ela impressa ou televisiva, que visa divulgar informações, fomentar discussões e juízos de valor acerca do que é publicado, e gerar entretenimento com vistas a alcançar audiência. Além disso, o estudo desenvolvido pela autora se configura como descritivo-interpretativista de caráter qualitativo. Uma pesquisa dessa natureza caracteriza-se pela “[...] obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo” (Neves, 1996, p. 01), isto é, não basta descrever os dados que se apresentam diante dos olhos do pesquisador, é preciso também interpretá-los, com vistas a responder à(s)

² Silva (2023) compreende por grande mídia os veículos de imprensa televisiva, radiofônica e impressa de cobertura nacional.

³ Em sua pesquisa de mestrado, Silva (2023) trabalhou com as seguintes mulheres criminosas: Heloísa Borba Gonçalves, Viúva Negra; Dorinha Duval; Suzane Von Richthofen e Elize Matsunaga. Para este artigo, a pesquisadora recortou Suzane Von Richthofen porque ela é *corpus* de sua pesquisa de Doutorado, em andamento no PPGEL/UFRN.

questão/questões de pesquisa, a partir da compreensão dos contextos de produção discursiva e dos discursos outros com os quais os discursos analisados se relacionam.

2 A categoria do *ethos* discursivo por Dominique Maingueneau

O *ethos* discursivo é uma categoria da Análise do Discurso de linha francesa tomada de empréstimo da Retórica aristotélica por Dominique Maingueneau nos idos da década de 1980. Dentro dessa linha de pesquisa, a supramencionada categoria teve sua aplicação prática ampliada além da oralidade para textos não verbais, verbo-visuais, multimodais, situados sócio-historicamente. Segundo Maingueneau (2008):

[...] a noção de *ethos*, que mantém um laço crucial com a reflexividade enunciativa, permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre oral e escrito. A instância subjetiva que se manifesta no discurso não se deixa conceber apenas como um estatuto (professor, profeta, amigo...) associado a uma cena genérica ou a uma cenografia, mas como uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado. A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembléia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos (Maingueneau, 2008, p. 17).

Ainda que reformulando a aplicabilidade do *ethos* discursivo, essa categoria preserva uma característica importante do *ethos* retórico, o convencimento do outro pela palavra, objetivo principal do *ethos*. Para tanto, o enunciador, situado sócio-historicamente, investe em um conjunto de fatores, os quais Maingueneau (2008) denomina de caráter e de corporalidade, fatores internos e externos que compõem o enunciador e o transforma em um corpo enunciante historicamente especificado, conforme o autor destacou na citação acima. Para ele, “o ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se” (Maingueneau, 2008, p. 18).

O primeiro diz respeito aos traços psicológicos do enunciador: o que pensa, como pensa e seus posicionamentos valorativos, enquanto o segundo engloba suas características físicas: aparência, questões relativas aos padrões de beleza, estilo de se vestir, modo de andar e de se comportar, bem como adereços que usa e o valor material destes. Todo esse conjunto de características físicas e psicológicas “o destinatário a[s] identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar” (Maingueneau, 2008, p. 18, grifo nosso).

O *ethos* discursivo consiste em um processo interativo estabelecido entre um enunciador e um ou mais co-enunciador(es), no qual o sujeito enunciador, não necessariamente o sujeito real, empírico, mas o sujeito discursivo, se constrói por meio de seu próprio discurso no momento da enunciação, a fim de convencer o outro, o co-enunciador, acerca do que enuncia, o que significa dizer que, na interação, “[...] o *ethos* tem um duplo status: ele é tanto visado pelo locutor quanto construído pelos destinatários, que precisam fazer hipóteses sobre as intenções do locutor” (Maingueneau, 2018, p. 327-328). Nessa perspectiva, Rodrigues (2014) destaca que a enunciação não somente é interativa, como necessariamente requer a adesão ou não do co-enunciador ao que diz o enunciador. Segundo a autora,

[...] o texto não pode ser considerado um quadro destinado à contemplação, ao contrário, toda enunciação é altamente interativa e altamente dirigida a um co-enunciador que é necessário mobilizar para que ele seja envolvido em um processo de adesão a certo universo de sentido (Rodrigues, 2014, p. 141).

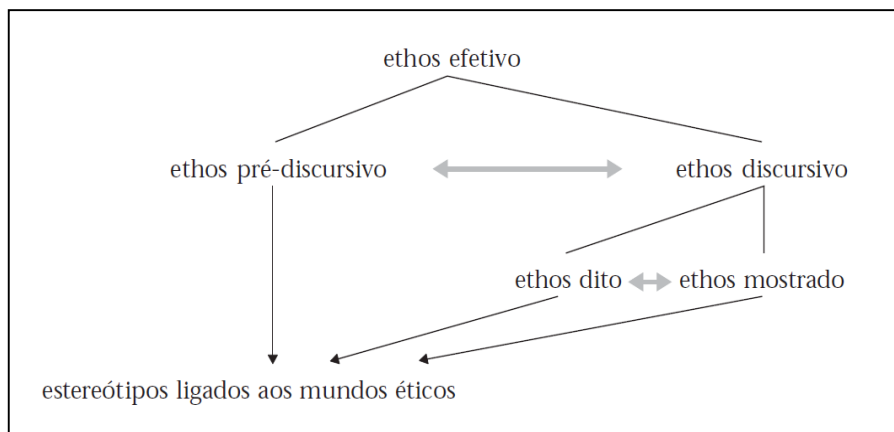
Portanto, cabe ao co-enunciador construir e destruir, quantas vezes for necessário, a imagem ético-discursiva do enunciador. Por essa razão, a enunciação é sempre dinâmica, e o enunciador, com a finalidade de interagir, persuadir, instigar a construir uma opinião ou mudá-la, se for preciso, é convocado a moldar-se discursivamente com uma certa regularidade, pois “na negociação da construção da imagem de si, o locutor se engaja em um diálogo com o que os outros dizem e pensam sobre a sua pessoa” (Di Fantí; Feré, 2014, p. 316). Além disso, como a construção do *ethos* é sempre situada em situações sociocomunicativas, “é importante destacar, portanto, que a análise do *ethos* pressupõe a criação de uma imagem discursiva, gestada na enunciação e nunca separada dela” (Heine, 2012, s.p., grifo da autora). Em face do que discutem Di Fantí, Feré (2014) e Heine (2012), ressalta-se que a construção da imagem de si e do outro só tem sentido dentro de uma dada enunciação; fora dela, isto é, em uma enunciação diferente, o *ethos* pensado pelo enunciador adquire sentidos outros que não aqueles pretendidos por ele na enunciação primeira.

Em esquema elaborado por Maingueneau (2008), imagem 01, observa-se uma representação relativamente simples do funcionamento do *ethos* discursivo, em que a enunciação diz respeito às situações sociocomunicativas nas quais os interlocutores estão interagindo a todo momento por meio da linguagem, construindo imagens discursivas de si e do outro, produzindo sentidos, persuadindo. Logo,

o *ethos* não tem como desvencilhar-se da enunciação, assim como também não tem como escapar de uma antecipação por parte do leitor, que faz uma representação do enunciador antes mesmo que ele enuncie; isso irá implicar que se distinga um *ethos pré-discursivo* de um *ethos discursivo* (Rodrigues, 2014, p. 141, grifos da autora).

Assim como a enunciação é abordada implicitamente na representação esquemática do autor, do mesmo modo também estão representados enunciador e co-enunciador, esses podendo ser identificados no *ethos pré-discursivo* e no *ethos discursivo* propriamente dito. Diante disso, estão representados no esquema de Maingueneau (2008) o *ethos efetivo*, *ethos pré-discursivo*, *ethos discursivo*, *ethos dito* e *ethos mostrado*, todos esses elementos em diálogo constante com os estereótipos ligados aos mundos éticos, como bem destacou Rodrigues (2014), ao mencionar as antecipações éticas por parte dos enunciadores, e conforme figura abaixo:

Figura 1 –Esquema do *ethos* discursivo em Maingueneau (2008)



Fonte: Maingueneau (2008, p. 19)

No esquema acima, o *ethos efetivo*, situado no topo da estrutura, é o resultado da combinação do *ethos pré-discursivo* e do *ethos discursivo*, pois, para o autor,

o *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*) – diretamente [...] ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala [...] (Maingueneau, 2008, p. 18, grifos do autor).

Desse modo, é na subcategoria pré-discursiva que está situado o co-enunciador e suas vivências de mundo, seus preconceitos, processos identitários de identificação e desidentificação que contribuem para a construção de imagens discursivas prévias do enunciador. “O estereótipo, gestado socialmente, influencia, tanto a construção

do *ethos* pré-discursivo quanto do *ethos* discursivo [...]” (Heine, 2012, s.p., grifos da autora).

Já no *ethos discursivo*, está situado o enunciador que, ao mesmo tempo, que emite pelo dizer (*ethos dito*), também por esse mecanismo, omite. No entanto, cabe ao *ethos mostrado* fazer emergir o que o enunciador não revelou em seu discurso. É aqui, precisamente, que o co-enunciador confirma, refuta, (re)constrói imagem/imagens discursivas de seu enunciador, visto que o *ethos* discursivo “[...] é a imagem do enunciador no discurso, enunciador esse que carrega as marcas sociais e históricas que o constituem e que aparecem, na sua enunciação, identificadas, principalmente, através dos estereótipos” (Heine, 2012, s.p.). Ademais, “o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido [pelo enunciador]” (Maingueneau, 2008, p. 16, grifo nosso), por essa razão, o enunciador tende a refazer seu(s) discurso(s) e, conseqüentemente, as imagens oriundas desses, a fim de lograr êxito junto ao co-enunciador.

Por sua vez, as flechas de sentido duplo mostram a relação colaborativa entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo, assim como entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado. Estes últimos ainda estão relacionados com os estereótipos ligados aos mundos éticos, porque essas representações disseminadas socialmente contribuem para a constante construção das imagens discursivas. Segundo Amossy (2005, p. 125-126 *apud* Heine, 2012),

a estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica (Amossy, 2005, p. 125-126 *apud* Heine, 2012, n.p).

Em face disso, o *ethos* discursivo estabelece uma sólida relação com as representações identitárias, visto que estas estão perpassadas pelos estereótipos disseminados socialmente e contribuem para a perpetuação de imagens, muitas vezes equivocadas, a exemplo do preconceito, acerca dos sujeitos sociais, sobretudo aqueles em situação de marginalização.

Mesmo com vastas pesquisas científicas acerca do *ethos* discursivo na Análise do Discurso francesa, Maingueneau (2018) revisita seus estudos, a fim de fazer apontamentos em suas proposições iniciais, indicando a necessidade de ampliação prática da referida categoria, haja vista que “até o momento, o *ethos* é um termo muito pouco especificado se quisermos apreender eficazmente os enunciados em toda sua diversidade” (Maingueneau, 2018, p. 322), ou seja, o *ethos* se torna um

conceito com relevante necessidade não só de especificação, como defende o autor, mas também de ampliação, sobretudo, ao se considerarem as características da sociedade pós-moderna: veloz, tecnológica e com uma incrível capacidade de incitar a criação de novos gêneros do discurso, e tornar obsoletos ou transfigurar gêneros já existentes e em uso constante nas mais distintas esferas sociais. Ainda de acordo com o autor,

enquanto o *ethos* era um conceito puramente retórico, confinado ao domínio da arte oratória, um tipo de evidência a serviço de uma estratégia argumentativa unívoca, permanecemos pouco conscientes dos problemas que surgem de seu uso. Ao apropriar-se da noção de *ethos* a partir da década de 1980, estendendo seu campo de validade ao conjunto das produções discursivas, a análise do discurso passa a questionar seu conteúdo, seus poderes e seus limites. Mas parece-me que a reflexão ainda não foi longe o suficiente nesse sentido. O *ethos* continua sendo uma categoria insuficientemente especificada para ser a medida da diversidade de situações de comunicação (Maingueneau, 2018, p. 330).

Com isso, Maingueneau (2018) não apenas identifica em seus estudos possíveis problemáticas relacionadas ao *ethos* que podem e devem ser solucionadas com a continuação de pesquisas acerca dessa categoria, como também sinaliza que ela não é estática, o que é corroborado por Carreon; Ruiz; Araujo (2019). Segundo eles:

[...] o autor sempre esteve preocupado em tornar a categoria menos subjetiva, ao mesmo tempo em que tentava desligá-la de um caráter psicologizante – fruto da ligação do *ethos* com os escritos retóricos – e operacionalizá-la de maneira que, atualmente, o conceito esteja ligado às suas mais recentes preocupações em torno da constituição da cena de enunciação e as novas textualidades (Carreon; Ruiz; Araujo, 2019, p. 01, grifo dos autores).

Ponderando sobre isso, pesquisadores, como Possenti (2020), dedicam-se a expandir as investigações acerca do *ethos* discursivo pensando novas proposições, a exemplo do *ethos* atribuído, que encaixadas dentro do esquema anteriormente apresentado, ampliam-no em termos teóricos e práticos, uma vez que contribuem, especificamente, para análises relacionadas aos textos multimodais e também verbo-visuais, como as capas que são objeto desta investigação, como se observará na quarta seção.

3 Inquietações que movem os estudos discursivos na Análise do Discurso francesa: o *ethos* discursivo atribuído

Nesta seção, serão apresentadas as inquietações iniciais de Sírio Possenti acerca do *ethos* atribuído. Isso se faz necessário porque, para a AD francesa, estas representam a continuação dos estudos sobre o *ethos* discursivo, como sugere

Maingueneau (2018). Além disso, neste trabalho, a apresentação dessas inquietações funciona como um norte para se compreender os aspectos teóricos e práticos que caracterizam o *ethos* atribuído, apontados por Silva (2023).

As considerações iniciais acerca do *ethos* atribuído, pensado por Possenti (2020) e até então sem um aprofundamento teórico subsequente do próprio estudioso, foram divulgadas em artigo científico publicado pela revista *Estudos da Língua(gem)*, volume 18, número 03, setembro-novembro de 2020. Ao publicar esse texto, o pesquisador tem em mente dois objetivos: (i) lançar luz sobre o *ethos* atribuído, uma nova subcategoria do *ethos* discursivo pensado e amplamente explorado por Maingueneau, bem como outros estudiosos da linguagem que trabalham na vertente dos estudos da AD francesa; (ii) deixar um caminho aberto para outros pesquisadores pensarem e aprofundarem seus estudos, ainda em estágio inicial, acerca do *ethos* atribuído. Nessa perspectiva, ao pensar uma nova subcategoria para o *ethos* discursivo, Possenti (2020) deixa claro “que tem mais a pretensão de abrir um campo do que propriamente de propor uma compreensão que soe como acabada” (Possenti, 2020, p. 03).

Diante disso, na referida publicação, o autor apresenta o *corpus* de trabalho usado para pensar a nova proposta de *ethos* discursivo: dados retirados de *textos não literários* (jornal *Folha de São Paulo*, coluna do Ombudsman, de 11 de novembro de 2018 (Possenti, 2020, p. 04) e *textos literários* (*Crônicas de Nelson Rodrigues*, mas com considerações embasadas em Cagliari (1989) (Possenti, 2020, p. 07). Em resumo, o que Possenti busca analisar, a partir de um considerável número de dados retirados dos *corpora* mencionados acima, é o tom de algumas sentenças, das quais destaca expressões do que considera exemplo de *ethos* atribuído. Portanto, “o que pretendo é mostrar que o *ethos* tem muito a ver com voz, mas também com roupa e corpo” (Possenti, 2020, p. 10). Ao mencionar voz, roupa e corpo, Possenti retoma duas características importantes do *ethos* de Maingueneau: a imagem ética construída pelo discurso oral ou escrito do enunciador (intensidade de palavras e expressões, emprego de pontuação etc.), e o caráter e a corporalidade que auxiliam no processo de construção do *ethos* discursivo.

O artigo registra ainda as inquietações do autor diante do novo, as dificuldades encontradas ao tentar propor e mesmo aprofundar suas pesquisas,

os dados que selecionei, como disse, me deixam em dúvida sobre a classificação do *ethos* que é descrito nos textos, porque não é nem o *ethos* dito típico nem o típico mostrado, tal como estes têm sido propostos. Descritivamente: trata-se do *ethos* de um locutor ou de uma pessoa (nem sempre se trata da voz; pode tratar-

se do corpo, de gestos) segundo a avaliação de outro enunciador, que é tanto ouvinte ou espectador quanto um enunciador (autor, narrador) que descreve ou avalia tal *ethos* (Possenti, 2020, p.9).

Tais preocupações não necessariamente indicam que a pesquisa terminou antes mesmo de começar; ao contrário, ao pensar o *ethos*, mas não apresentar um conceito para o *ethos* atribuído ou elaborar uma representação esquemática, como fez Maingueneau (2008) com a categoria do *ethos* discursivo, seus estudos ficam muito mais no plano do sugerido, das proposições. Com isso, Possenti (2020) deixa em aberto a possibilidade de ampliação de suas pesquisas, ainda em estágio inicial, por outros pesquisadores. É o que faz Silva (2023) ao analisar publicações midiáticas oriundas das páginas policiais, a exemplo das capas sobre o caso Suzane Von Richthofen. Essas publicações verbo-visuais lhe permitiram identificar características do *ethos atribuído* diferentes e mesmo além das proposições iniciais de Possenti. Para essa autora, o *ethos* atribuído é uma subcategoria do *ethos* discursivo de Maingueneau (2008). Em vista disso, essa nova subcategoria está presente no já conhecido esquema desse autor, mas não se encaixa nem dentro do *ethos* dito e nem do *ethos* mostrado, e sequer compartilha da mesma definição. De acordo com ela, *ethos* atribuído é “uma forma de ser por meio do dizer em 3ª pessoa” (Silva, 2023, p. 46).

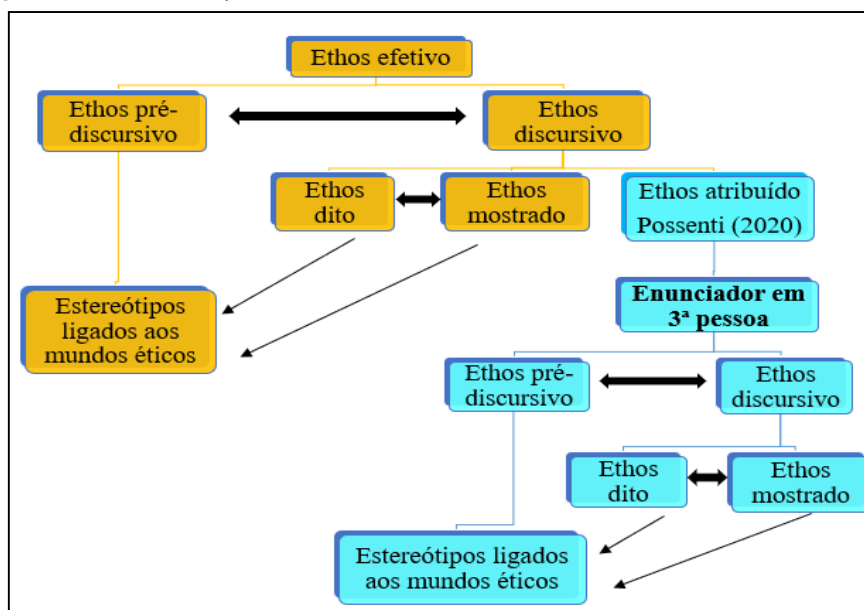
Nessa perspectiva, por se tratar de uma subcategoria, o *ethos* atribuído merece lugar à parte no esquema de Maingueneau (2008), uma vez que:

1. se trata de um enunciador que elabora seus enunciados acerca do outro sempre em 3ª pessoa, característica essa que muito o aproxima do narrador em 3ª pessoa da literatura;
2. por enunciar em 3ª pessoa, esse enunciador se distancia da enunciação inicial, pertencente apenas ao co-enunciador, assim como se distancia do próprio co-enunciador;
3. o co-enunciador, por sua vez, é moldado, construído a partir de si próprio e traz sobre si não somente toda uma carga semântica contida nos enunciados produzidos pelo enunciador, como também reflete e refrata os estereótipos dissipados socialmente e emergentes nas/das visões de mundo desse enunciador;
4. o enunciador do *ethos* atribuído não se restringe apenas a um sujeito discursivo, como comumente se aborda no *ethos* de Maingueneau, podendo ser também uma instituição assumindo esse papel;

- do mesmo modo como ocorre com o *ethos* em Maingueneau, o *ethos* atribuído é igualmente aplicado a textos orais, escritos, verbo-visuais, multimodais. No entanto, salienta-se que nessas duas últimas modalidades textuais, o *ethos* atribuído está embasado em cores, tamanhos e estilos de caligrafia, imagens, músicas e efeitos visuais que não só possibilitam leitura(s) discursiva(s), como também estabelecem diálogo constante na e com a produção de sentidos.

Diante dessas considerações, Silva (2023) amplia o esquema inicial de Maingueneau (2008) em mais uma subcategoria no *ethos* discursivo, que passou de duas subcategorias (*ethos dito* e *ethos mostrado*) para três (*ethos dito*, *ethos mostrado* e *ethos atribuído*). Os demais elementos da esquematização do referido estudioso tiveram sua significação ampliada para um enunciador que pode ou não estar presente na enunciação (o afastamento do enunciador da enunciação se dá, principalmente, em textos escritos e multimodais, e quando se tem uma instituição assumindo a função do enunciador), mas elabora imagens discursivas a partir dos estereótipos sociais e ações concretas do outro, o co-enunciador, como explicado anteriormente e demonstrado no esquema abaixo. Tal esquema fora elaborado por Silva (2023) a partir de leituras acerca do *ethos* discursivo pensado por Maingueneau, das considerações iniciais de Possenti (2020) sobre o *ethos* atribuído e das análises de seu *corpus* de estudos:

Figura 2 – Representação esquemática do *ethos* atribuído proposto por Silva (2023)



Fonte: Elaborado por Silva (2023) a partir de Maingueneau (2008, p. 19) e Possenti (2020, p. 03-14)

Ante o exposto, a subcategoria do *ethos* atribuído apresenta o *ethos pré-discursivo* que, assim como em Maingueneau (2008), possui os estereótipos ligados aos mundos éticos (são as imagens discursivas dos co-enunciadores construídas previamente pelos enunciadores, as quais mobilizam estereótipos historicamente enraizados e sentidos a estes atados, atualizam-nas no momento da enunciação e, a partir do *ethos* dito e do *ethos* mostrado, são confirmadas ou refutadas) e o *ethos* discursivo, o qual, por sua vez, divide-se em *ethos* dito e *ethos* mostrado. Nos textos da esfera jornalística em que Silva (2023) se baseou para estipular as características do *ethos* heteroatribuído, é a ação de assassinar que conforma o *ethos* mostrado. Portanto, a pesquisadora demonstra maior interesse pelo *ethos* dito, já que neste é onde se observa mais detalhadamente a construção discursiva do co-enunciador.

Tanto o *ethos* pré-discursivo quanto o *ethos* discursivo dão relevante suporte ao *ethos* mostrado e estão diretamente ligados ao enunciador em 3ª pessoa; é ele que, tomando por base o *ethos* mostrado (nas análises desenvolvidas o efeito morte), encarrega-se de fomentar imagens discursivas contidas na cena de enunciação onde se encontra/se origina o co-enunciador. Diante disso, seus enunciados são elaborados, seja na oralidade, seja na escrita, em 3ª pessoa e manifestam sempre um *modo de dizer*, onde estão as principais características do *ethos* atribuído, ou seja, o que permite ao leitor perceber o distanciamento do enunciador de uma dada cena de enunciação, na qual ele esteja ou não presente. Ressalta-se que é nos enunciados escritos que as características do *ethos* atribuído são percebidas com maior riqueza de detalhes, as quais se especificam a partir de agora.

No *ethos* dito está o *como diz* e o *por meio do que diz*. O primeiro trata da forma como o enunciador constrói a imagem discursiva do co-enunciador, ou seja, trata-se da escolha dos elementos não verbais que irão compor um gênero textual (imagens, cores, efeitos visuais etc.) e da seleção lexical feita pelo enunciador para construir um *ethos* específico e não outro em seu lugar. As capas de revista, gêneros que compõem o *corpus* de análise deste artigo, são verbo-visuais, logo, imagem e texto integram os enunciados principais e, juntos, constroem o *ethos* de Suzane Von Richthofen como *mulher criminosa*. A respeito das análises imagéticas, estas serão feitas na seção quatro, aqui, a título de caracterização do *ethos* dito, serão mencionadas suas características lexicais.

A respeito do léxico, tem-se um enunciado de maior destaque sobre os outros, o qual se denomina aqui de enunciado principal ou enunciado núcleo, que pode ser uma frase nominal, verbal e, dentro desta, identificar-se sujeitos, predicados, entre outros termos possibilitados pela língua portuguesa - não se trata, pois, de fazer análise sintática, uma vez que a ideia é trabalhar com a construção de imagens discursivas e os sentidos daí oriundos, mas o analista do discurso, caso queira, pode destacar alguns termos e classificá-los gramaticalmente, a fim de demarcar e/ ou identificar a posição ocupada pelo enunciador no discurso, como se verá adiante, e acrescentar semântica às suas análises. É por meio desse enunciado verbal nuclear que se identificam não somente o *ethos* atribuído, como também as identidades atribuídas ao co-enunciador, já que é sobre ele que recai a maior carga semântica dessa subcategoria. Para identificar o enunciado principal, é sumamente importante considerar a estrutura do gênero textual em que esses se situam. Nas capas de revista, o enunciado verbal principal manifesta-se, por exemplo, nas manchetes (títulos) de capa – *Matou os pais e foi para o motel* (Época, 2002) e *Por que ela matou os pais?* (IstoÉ Gente, 2002).

Além desse enunciado central, há a presença de enunciados secundários, isto é, os subtítulos, que complementam e expandem o sentido do enunciado principal. No corpus analisado na seção quatro, são os subtítulos, como *a tragédia da estudante que ajudou a planejar o assassinato do pai e da mãe com uma barra de ferro* (Época, 2002), que assumem a função de enunciado secundário.

É imperativo esclarecer que, no contexto desta pesquisa, (i) os enunciados são discursos social e historicamente situados que têm seus sentidos modificados ou ampliados conforme a enunciação em que estão presentes e que (ii) os enunciados principais e secundários vão sendo identificados à medida que a análise discursiva vai sendo feita. Nas análises das capas, eles fazem parte das estratégias discursivas mobilizadas pela mídia para construir o *ethos* e a identidade criminosa de Suzane. Diante disso, inicia-se a leitura pelas imagens, estabelecem-se os diálogos com os enunciados verbais, relacionando-os com outros enunciados e enunciações além do que está no material analisado, e procede-se à análise dos termos sintáticos com vistas a compreender quem é o enunciador, qual a sua posição no discurso e os lugares de fala de onde enunciam. Além disso, a (iii) carga semântica dos enunciados nucleares diz respeito aos sentidos múltiplos contidos nestes, os quais são possíveis de explorar para além do que está escrito, a partir do estabelecimento de diálogos com outras enunciações e com outros enunciados.

Outra característica do *ethos* atribuído é o pronome em 3ª pessoa. Por meio desse marcador linguístico, identifica-se que se trata de um *ethos* heteroatribuído e não autoatribuído e que o enunciador se distancia do co-enunciador e da cena de enunciação em que este está ou tem origem. Geralmente, o referido pronome fica oculto em sentenças linguísticas presentes nos enunciados principais e nos secundários, mas é facilmente localizável em razão da substituição do nome ou expressão pelo pronome supradito. Em *Matou os pais e foi para o motel* (Época, 2002) o pronome *ela*, que funciona como sujeito da oração, está oculto, porém, é possível localizá-lo porque o verbo *matar* está na 3ª pessoa do singular. Outra peculiaridade é a contração da preposição *de* + o pronome de 3ª pessoa do singular (*ela*), resultando em *dela*, e está presente nos enunciados da mesma forma que o pronome em 3ª pessoa, sendo também localizável por meio de substituições. Na capa da revista *Época*, a ocorrência de *dela* está na substituição do termo *da estudante*, no enunciado *a tragédia da estudante [...]*. Diante disso, é possível inferir que o enunciador institucional, a revista *Época*, mantém um distanciamento enunciativo do co-enunciador Suzane Von Richthofen e da cena de enunciação a qual ela protagonizou e da qual ela se origina como *mulher criminosa*. O emprego da terceira pessoa, além de demarcar distanciamento, também assinala a construção discursiva de Von Richthofen como um sujeito frio e impetuoso. Por essa razão, a gramática da língua portuguesa constitui peça fundamental para identificar, localizar o enunciador do *ethos* atribuído no discurso.

Por fim, em *por meio do que diz*, o enunciador se manifesta em algum gênero textual, no caso deste artigo, as capas das revistas *Época* e *IstoÉ Gente*. Silva (2023) chegou a essa percepção do funcionamento do *ethos* atribuído com o auxílio da análise do *corpus* de sua pesquisa de mestrado, textos da esfera jornalística, da qual recortou para este artigo as duas capas acerca do caso Von Richthofen, nas quais é possível inferir o modo como o enunciador diz sobre Suzane Von Richthofen, isto é, a constrói discursivamente, e por meio do que diz, os gêneros textuais.

Com base nas leituras que realizou sobre *ethos* discursivo (Maingueneau, 2008; 2018; Possenti, 2020) e na análise de seu *corpus* de pesquisa, Silva concluiu que, nessa subcategoria, é o *ethos* dito pelo enunciador que adquire maior relevância na construção da imagem discursiva, pois o *ethos* mostrado, no caso em tela a ação de matar, já está dado e corrobora a construção discursiva de Suzane como *mulher criminosa*. Além disso, esse *ethos* é o que mais se relaciona com o *ethos* pré-discursivo. A título de exemplificação, o enunciador, as revistas *Época* e *IstoÉ Gente*,

previamente, já sabe que o seu co-enunciador é um sujeito infrator, logo, a construção de imagens éticas em que Suzane Von Richthofen figura como assassina perigosa, impiedosa e fria no *ethos* dito, será feita em cima dessas informações prévias. Para tanto, mobilizam-se distintas formas de dizer para, entre outras finalidades, traçar perfis criminosos acerca dessa *mulher criminosa* a partir de estereótipos femininos cristalizados socialmente, tudo isso divulgado por meio da mídia, seja ela televisiva ou, como o *corpus* de investigação deste trabalho, publicações impressas, em que o *ethos* mostrado confirma o *ethos* dito pelo enunciador, em razão da ação transgressora de Von Richthofen, conforme se observará na seção de análise.

4 Suzane Louise Von Richthofen: passado e presente

Suzane Von Richthofen tinha 18 anos em 31 de outubro de 2002, quando abriu as portas da mansão em que morava para que Daniel e Cristian Cravinhos, respectivamente, seu namorado e cunhado, executassem seus pais enquanto dormiam. Apesar de ser um crime cometido a três, midiaticamente, Suzane, pelos laços que mantinha com as vítimas, por sua abastada condição financeira, privilegiada posição social e por ser a única mulher do trio criminoso, foi quem mais ganhou projeção nas publicações que versam sobre o seu caso. Em 2006, ela foi condenada a 39 anos e 06 meses de reclusão, pena que hoje está sendo cumprida em regime aberto. Atualmente, Suzane está com 41 anos, cursa Direito e mudou seu sobrenome famoso para Magnani Muniz.

4.1 Sagrada família? O caso Von Richthofen nas capas de Época e IstoÉ Gente

Nas publicações midiáticas acerca do caso Von Richthofen, seja visualmente, seja verbalmente, é visível o efeito de apagamento dos irmãos Cravinhos e de evidência midiática de Suzane Von Richthofen. Exemplo disso pode ser constatado na capa da revista *Época*, edição n.º 234, de 11 de novembro de 2002, a qual registra Suzane no enterro de seus pais e vítimas, Manfred e Marísia Von Richthofen.

Figura 3 – Capa de Época sobre o caso Von Richthofen, novembro de 2002



Fonte: Revista Época, n.º 234, 11 nov. 2002. (Arquivo pessoal da pesquisadora)

Na ocasião, ocorrida horas depois das portas da mansão do Brooklin terem sido abertas para a execução do plano homicida, encontra-se, além da aludida *mulher criminosa*, Daniel Cravinhos, seu namorado e algoz de Manfred Von Richthofen. Ele, no entanto, não é mencionado verbo-visualmente na publicação de *Época*, o destaque fica, portanto, para Suzane, a começar pela fotografia recortando exclusivamente o seu rosto no meio da multidão que acompanhava o sepultamento, dado que esta dialoga com os enunciados (i) *matou os pais e foi para o motel*, (ii) com o seu nome e sua idade (legenda ao lado da foto), assim como (iii) com o enunciado *a tragédia da estudante que ajudou a planejar o assassinato do pai e da mãe com uma barra de ferro*.

O enunciado *matou os pais e foi para o motel* traz para o século XXI uma obra cinematográfica, produzida em 1969 (século XX), dirigida por Júlio Bressane, intitulada *Matou a família e foi ao cinema*, cujo enredo possui semelhanças com o caso de Suzane Von Richthofen. Com isso, o enunciador estabelece uma relação entre ficção e realidade ao estilo “a vida imita a arte”, na qual o ato de matar e, posteriormente, ir ao cinema ou ao motel, como fizeram Suzane e Daniel Cravinhos após saírem da mansão Von Richthofen, torna-se algo banal, a vida do outro perde

valor. O motel, no caso Von Richthofen, não é só um lugar de prazer e luxúria, é também um local de trânsitos. É onde Suzane e Daniel vão transitar entre o passado conturbado, em razão da não aceitação do namoro do jovem casal apaixonado, e o presente, supostamente harmonioso, caracterizado pelo início de uma vida a dois, como sempre se almejou, longe de obstáculos ao amor juvenil e com dinheiro em demasia. O motel simboliza também a frieza dos assassinos e sua falta de compaixão pelo outro.

No que se refere à imagem discursiva de Suzane projetada por meio da verbo-visualidade da capa da edição n.º 234, de 11 de novembro de 2002, pode-se observar que os enunciados do caso Von Richthofen convergem não para um *ethos* autoatribuído, mas sim para um *ethos* heteroatribuído, ou *ethos* mostrado, de acordo com postulados de Possenti (2020). Nesse sentido, pode-se identificar o *ethos* mostrado por meio de dois mecanismos principais: (i) há um enunciado principal, dominante, que, geralmente, aparece em letras garrafais, na capa acima, *matou os pais e foi para o motel*, e (ii) o emprego enunciativo da 3ª pessoa do singular, o qual se manifesta tanto no enunciado supracitado (o pronome está implícito no verbo *matar*, uma vez que está conjugado em 3ª pessoa), como no enunciado *a tragédia da estudante que ajudou a planejar o assassinato do pai e da mãe com uma barra de ferro*, no qual a expressão *da estudante* pode ser substituída pela contração da preposição *de* + o pronome da 3ª pessoa do singular *ela* = *dela*; no restante da oração, está a ação verbal do sujeito, caracterizando assim um sujeito agente nas ações de planejar e matar.

Nesse sentido, os enunciados utilizados pela revista *Época* na abordagem do caso Von Richthofen têm sempre um sentido incriminatório para Suzane, atribuindo-lhe diretamente a responsabilidade pela morte dos pais. Tal procedimento permite o distanciamento da revista diante da responsabilidade enunciativa pelo que se diz, ocultando também a participação de outras pessoas no crime, as quais, embora não nomeadas ou fotografadas, aparecem no enunciado *a tragédia da estudante que ajudou a planejar o assassinato do pai e da mãe com uma barra de ferro*, especificamente em [...] *ajudou a planejar*, o que significa dizer que, enquanto Suzane é autora intelectual dos assassinatos, os irmãos Cravinhos são os autores dos golpes de barras de ferro que vitimaram fatalmente Manfred e Marísia. Esse objeto, também presente no referido enunciado, é outra simbolização da frieza e crueldade de Suzane.

Em termos de análise verbo-visual, tem-se que a cor preta, que serve de plano de fundo para os demais enunciados, remete à condição de luto na família Von Richthofen e da instituição família como um todo, à tragédia e à roupa de Suzane, pois, na ocasião do enterro, ela vestia um traje na mesma cor da capa, o qual foi objeto de discussão em programas policiais por ser considerado inadequado ao contexto e desrespeitoso com as vítimas. Para a mídia, com tal vestuário, Suzane demonstrava não se importar com a tragédia que provocou e com suas dimensões. Além disso, em diálogo com o caráter e a corporalidade do enunciador, mencionados por Maingueneau (2008), a vestimenta de Suzane no sepultamento dos pais, a sua corporalidade (barriga à mostra destacando o corpo bronzeado, magro e esbelto, o esforço do choro incontido) dava demonstrações de seu caráter indiferente para com a vida humana, o que serviu de respaldo para a sua construção discursiva de mulher criminosa na capa de *Época*. A cor vermelha remete à noção de tragédia, à cena sanguinolenta na noite de 31 de outubro de 2002, ao sangue derramado pelas vítimas de Suzane no quarto da mansão do Brooklin, à mancha social e criminal vinculada não somente à acusada, como também aos demais membros da família Von Richthofen. A cor branca, por sua vez, atenua a carga semântica das demais cores.

A organização textual e visual da capa (cores no plano de fundo e nas fontes, a foto de Suzane centralizada) remete aos cartazes de criminosos procurados, elaborados pela Polícia Civil, embora essa não seja a condição dos envolvidos na morte do casal Von Richthofen. Portanto, a organização verbo-visual da capa visa destacar a culpabilidade de Suzane na morte dos pais, atribuir-lhe um *ethos* de *mulher assassina* fria, cruel, impetuosa, parricida, bem como instigar a formação de um juízo de valor sobre ela, motivando discussões entre o público leitor da revista e de profissionais de distintas áreas do conhecimento.

Em se tratando da revista *IstoÉ Gente*, esta apresenta um *layout* (cor de plano de fundo, cor de fonte, imagens) distinto do que é apresentado em *Época*. Nela figuram, por exemplo, toda a família Von Richthofen e um plano de fundo em vermelho. Além disso, há uma foto à parte de Suzane no enterro dos pais em que é possível perceber a roupa que ela usava na ocasião. De acordo com Campbell (2020, p. 108) “[...] ela havia sido muito criticada por causa do figurino de pouco pano usado no enterro dos pais e replicado na primeira página de todos os jornais do dia seguinte.” Esse fragmento da biografia não autorizada de Suzane já dá a dimensão da espetacularização do caso na mídia; apesar disso, Daniel não aparece verbo-visualmente, nem seu irmão, como se pode observar na Figura 4.

Figura 4 –Capa de IstoÉ Gente, edição 172, novembro de 2002, sobre Suzane Von Richthofen



Fonte: <https://www.famousfix.com/topic/isto-e-gente-magazine-brazil-18-november-2002>. Acesso em: 01 jul. 2023

Ambas as fotos têm a mesma carga semântica, desagregação familiar e sujeito atraíçoador. Na fotografia de todos juntos, a família aparece feliz e descontraída, era aniversário de 18 anos de Suzane. Seria o clã Von Richthofen, em termos de felicidade e harmonia, a representação da Sagrada Família, tal qual a concebida pela religião católica, ou das famílias que figuram em comerciais de margarina vinculados na televisão? Não, já que Suzane está e não está entre os seus, uma vez que futuramente ela será a responsável por sua própria tragédia. Essa *mulher assassina* é, pois, a representação do inimigo infiltrado.

Na segunda foto, apesar de apenas Suzane aparecer sozinha, sua família continua presente, porém já fragmentada: seus pais estão mortos, seu irmão em pouco tempo estará só e terá que lidar com o assédio da imprensa sobre o caso, sobre ele e sobre Suzane, porque a irmã será presa em poucos dias. Nessa foto na parte inferior da capa, novamente, Suzane figura como o inimigo infiltrado, não só no seio familiar, mas também no seio social. Essa foto adquire ainda outros significados, como: (i) evidência midiática, (ii) isolamento social, familiar e amoroso, e (iii) ao ser relacionada com o enunciado *por que ela matou os pais?*, pelo gesto que faz com a

mão, a semântica é de que aparentemente ela não sabe informar a razão para tal ato, outro indicativo do menosprezo de Suzane pelos pais.

Os enunciados seguintes buscam responder ao enunciado principal, ao mesmo tempo que dialogam com as imagens: *como era a vida da família Richthofen* (relação com a foto 01), *investigador diz que Suzane golpeou a mãe* (diálogo com as fotos 01 e 02). Esse último enunciado também funciona como um evidenciador do caráter violento de Suzane e, simultaneamente, destaca as suposições do enunciador institucional representado pela revista *IstoÉ Gente*, dado que as investigações demonstraram que Suzane Von Richthofen não esteve na cena criminológica em que estiveram Daniel e Cristian e que apenas estes dois ceifaram as vidas de Manfred e Maríia. Além disso, a responsabilidade enunciativa desse enunciado recai sobre aquele que detém maior autoridade para fazer tal afirmação, o investigador designado para elucidar o duplo homicídio ocorrido na mansão do Campo Belo, já que este se configura também como um observador *in loco* do crime, ao qual o enunciador institucional não adentrou.

Por fim, *cena do crime revela crueldade do massacre* (relação com o plano de fundo vermelho), o enunciado verbal em negrito e o enunciado não verbal, especificamente o plano de fundo, acentuam o caráter sanguinolento do local do crime.

O *ethos* atribuído à Suzane é de um Édipo moderno: embora ela tenha consciência das proporções e consequências de suas ações, ela é uma parricida, assim como o personagem da tragédia grega de Sófocles, ainda que este não tivesse consciência das consequências de seus atos – assassinar o pai e desposar a mãe. É a assassina cruel, o Judas impetuoso infiltrado. Assim como na capa de *Época*, o *ethos* atribuído está no enunciado de maior destaque, *por que ela matou os pais?*, no qual é nuclear, novamente, o pronome da 3ª pessoa do singular, *ela*, que está explícito. Os enunciados seguintes funcionam como ênfase a esse enunciado principal, reforçando o caráter violento e sanguinário de Suzane. Além disso, todos os enunciados verbais dessa capa reforçam o afastamento do enunciador institucional da cena de enunciação de 31 de outubro de 2002, pertencente apenas às vítimas e aos assassinos. Logo, o que a revista supracitada faz é reconstituir, por meio das informações colhidas, a relação de Suzane e suas vítimas que culminou em uma tragédia policial transformada em um espetáculo midiático que já dura mais de duas décadas.

Considerações finais

Diante das discussões empreendidas ao longo deste trabalho, conclui-se que nas páginas policiais, criminosas célebres, como Suzane Von Richthofen, a partir da crueldade da cena do crime, de sua condição de gênero e sociofinanceira, são construídas por meio do discurso do horror e da tragédia, da frieza e do interesse monetário, da passionalidade e da perversidade. Suzane Von Richthofen, ao longo dos vinte e um anos em que o caso vem se mantendo na mídia, foi convertida em um fenômeno (i) de audiência, (ii) de reportagens jornalísticas, (iii) de entretenimento. Todo esse arcabouço não apenas contribui para a sua manutenção nos holofotes, como também possibilita pesquisas científicas em diversos âmbitos, a exemplo do linguístico, pois as dizibilidades sobre a supradita *mulher criminosa* possibilitam a atribuição de *ethos*, procuram qualificá-la como uma exceção à regra do comportamento feminino que a mulher deve manifestar em sociedade e em família. É uma seleção que visa pôr em evidência o sujeito criminoso e sua vida pregressa e apagar cúmplices, igualmente criminosos, bem como o(s) comportamento(s) das vítimas que contribuíram para a eliminação física.

Agradecimento

A autora agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida entre 2021 e 2023 durante a vigência do curso de Mestrado em Estudos da Linguagem. N° do processo: 88887.610313/2021-00. Também agradece a bolsa concedida no curso de Doutorado em Estudos da Linguagem (em andamento). N° do processo: 88887.951938/2024-00.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Estereotipagem e construção de uma imagem de si. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-127.
- CAMPBELL, Ulisses. Olhar glacial. In: CAMPBELL, Ulisses. **Suzane: assassina e manipuladora**. São Paulo: Matrix, 2020. p. 102-121.
- CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAUJO, Lígia Maria Boin Menossi de. Ensaio teórico sobre a noção de *ethos* discursivo em Maingueneau: caminhando entre releituras. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 61, p. 1-16, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655004>.
Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: 10.20396/cel.v61io.8655004.

DEBORD, Guy. A separação consolidada. In: DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 3 ed. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2003, p. 13-27. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; FERÉ, Liz. *Ethos* discursivo. **Letras de Hoje** - Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa (Porto Alegre), v. 53, n. 3, p. 315-316, jul-set. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/1284>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.32959>.

HEINE, Palmira. O *ethos* feminino em propagandas de cerveja. **Revista Pandora Brasil**, n. 47. s.p., 2012. Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/ethos/palmira.pdf. Acesso em 23 mai. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de *ethos*. **Letras De Hoje**, v. 53, n. 3, p. 321-330, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32914>. Acesso em: 10 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.32914>.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 01-05, 2º sem./ 1996.

POSSENTI, Sírio. *Ethos* atribuído por enunciadores. **Estudos da linguagem**, v. 18, n. 3, p. 03-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/7931>. Acesso em: 10 mar. 2021. DOI: 10.22481/el.v18i3.7931.

Revista Época, n.º 234. Editora Globo, p. 36-42. 11 nov. 2002.

Revista IstoÉ Gente: por que ela matou os pais?, ano iv, n 172, 18 nov. 2002. Disponível em: <https://www.famousfix.com/topic/isto-e-gente-magazine-brazil-18-november-2002>. Acesso em: 01 jul. 2023.

RODRIGUES, Kelen Cristina Manzan. O *ethos* discursivo: uma análise por meio de seus traços na personagem Lord Henry no romance *The picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 8, p. 123-138, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/7350>. Acesso em: 10 set. 2022.

SILVA, Ana Rafaela Oliveira e. **Ethos discursivo e a construção discursiva identitária de mulher criminosa nas páginas policiais brasileiras**: de Heloísa Borba Gonçalves: Viúva Negra (1971-1992) a Elize Matsunaga (2012). 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.